

DOI: 10.17551/2358-1778/geoamazonia.n1v2p107-121

Mauro Emilio Costa SILVA

TERRITORIALIDADES ECONÔMICAS DA GLOBALIZAÇÃO EM BELÉM-PAMauro Emilio Costa SILVA¹**Resumo**

As empresas transnacionais e nacionais sob a égide do capitalismo representa a globalização na dimensão econômica, territorializadas em bairros centrais da cidade de Belém-PA com equipamentos urbanos de consumo no/do espaço, é um corolário imanente às metrópoles, concebida também por políticas de cunho neoliberal, sendo a rede um espectro que dissemina tanto o fenômeno urbano quanto o político no espaço mundial, quando na atualidade as redes são a expressão da logística material de que necessita o capitalismo para executar seus projetos nacionais e internacionais a partir das áreas decisórias centrais, estas, têm as cidades como aporte para que as redes se instalem e funcionem, com escopo do “uso” econômico da cidade para a constituição do território-rede por parte das empresas.

Palavras-chave: Globalização, Neoliberalismo, Cidade, Território e Rede.

ECONOMICS TERRITORIALITIES OF THE GLOBALIZATION IN BELÉM-PA**Abstract**

Transnational and national companies under the aegis of capitalism is the globalization in, territorialized economic dimension in the central districts of the city of Belém do Pará with urban facilities space consumption is an inherent corollary to metropolis, also designed by the neoliberal policies, the network being a spectrum that spreads both urban phenomenon in the political word as space, when in actually networks are the expression of logistics it needs capitalism to return its national project from the central areas decisional material, these have the cities as input for the networks to settle and work, as the scope of economic “use” of the city to the constitution of the territorial network by enterprises.

Keywords: Globalization, Neoliberalism, City Planning and Network.

TERRITORIALIDADES ECONÓMICAS DE LA GLOBALIZACIÓN EN BELÉM-PA**Résumé**

Les entreprises transnationales et nationales sous l'égide du capitalisme représentent la globalisation dans la dimension économique, territoriale dans les régions centrales de la ville de Belém-Pa avec les équipements urbains de consommation dans le / de l'espace, c'est un corollaire qui appartienne aux métropoles à travers sa politique du sens néo-libérale, étant le réseau un spectre qui dissémine autant le phénomène urbain que la politique dans l'espace mondial, à vrai dire les réseaux sont l'expression de la logistique matérielle qu'on a besoin du capitalisme pour exécuter leurs projets nationaux et internationaux commençant des zones d'assurance centrales, celles-ci, ont des villes de soins pour que les réseaux s'installent et fonctionnent, avec la marque et « l'utilisation » économiques " de la ville pour faire la constitution d'un territoire-réseau d'après les entreprises.

Mots-clés: Globalisation, Néoliberalisme, Ville, Territoire, Réseau.

¹ Docente da Universidade Estadual do Pará (UEPA). E-mail: maurobrasilgeo@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O trabalho que ora apresentamos tem o objetivo de analisar o processo de territorialização de empresas do setor *fast food* na cidade de Belém-PA, elencado a globalização na vertente econômica como processo indelével nas metrópoles reforçado pelo Estado com práticas neoliberais. No que tange a globalização elegemos a acepção teórica capitaneada por Giddens² por sua lógica espaço-tempo.

A contínua incorporação de homogeneidade mundial de valores e ambiências com paisagens isotrópicas territorializadas por entes externos ao espaço, trouxe para a ciência geográfica, a instigação de análise no interior da relação entre homem-homem e, este, com seu espaço de vivência, sobretudo, em nível escalar local, pois, é aí que tanto o lugar quanto à paisagem por suas dimensões de análise mais próximas entre o sujeito e o seu entorno, incluindo o espaço do habitar, do lazer e trabalhar podem melhor interpretar tais relações que se apresentam dialéticas, levando-se em consideração o fator temporal como um dado e a globalização como o cerne da análise.

A globalização como realidade presente para a maioria dos habitantes da terra exerce influência substancial ou ínfima nestas através de suas diversas facetas, entre as principais: econômica, política, social, ambiental e cultural. Tal influência leva a mudanças comportamentais e orienta os sujeitos produtores pelos arranjos e rearranjos do espaço, pois, leva os demais sujeitos-passivos a se adaptarem às novas configurações morfológicas e novos ritmos de vida a eles impostos. Os espaços eleitos pela globalização tornam-se condição fundamental para esta se realizar e, ulteriormente, produto quando a própria globalização triunfa, seja integralmente, seja parcialmente em sua plenitude concreta.

Analisando o Brasil, a partir de um recorte temporal desde o governo de Juscelino Kubitschek (1956/1961) e, prioritariamente no governo Fernando Collor (1990/1992), percebeu-se um aprofundamento das relações internacionais do Brasil com vários países capitalistas, via empresas transnacionais, que se beneficiaram de um momento favorável

² A globalização pode ser assim definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético por que tais acontecimentos locais podem, se deslocar numa direção anversa às relações muito distanciadas que os modelam. A transformação local é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e do espaço (GIDDENS, 1991, p. 69).

externo, como o fim da guerra-fria e a consequente dissolução do mundo socialista, permitindo a ampliação do capitalismo revestido no processo de globalização.

Internamente, outros fatores também contribuíram, como o fim do regime ditatorial, e da “década perdida” (1980). Desta forma, credenciando o país a estreitar seus laços econômicos com o circuito comercial multilateral mundial.

Alguns países subdesenvolvidos como o Brasil, a partir dos anos 1990 adotaram efetivamente o modelo neoliberal para se perfilar ao contexto econômico e político mundial, com a atração de capitais estrangeiros viabilizando sua fluidez e contribuindo para o consequente sucesso dos investimentos estrangeiros.

O Brasil tornou-se um grande receptor de empresas estrangeiras, passando a concorrer com as empresas privadas nacionais expostas a uma concorrência desfavorável com as grandes corporações internacionais em vários setores como os de alimentação rápida.

As empresas nacionais que não se modernizaram, seja por questão tecnológica, seja pela ausência de apoio do governo ou outros motivos, ficaram assim fadadas à falência ou redução de seu mercado consumidor, contribuindo para intensificar a internacionalização econômica do país e, assim corroboramos com a tese de que num ambiente econômico mundial de intercambialidade, direciona em grande medida o Estado quanto à sua postura no cenário mundial, marcado pela globalização postulado por Ianni (2006):

A nova divisão internacional do trabalho, agilizada pelos meios de comunicação e transporte, cada vez mais apoiados em técnicas eletrônicas, transformou o mundo em uma fábrica e, um *shopping Center* global. São globalismos decisivamente baseados na organização e dinâmica das corporações transnacionais, que desenvolvem suas geoeconomias e suas geopolíticas em moldes mais ou menos independentes dos Estados nacionais (IANNI, 2006, p. 185).

No período colonial o Brasil foi subserviente aos interesses político-econômicos dos países ricos, atualmente, atende aos interesses econômicos das grandes corporações econômicas mundiais, com destaque para as denominadas corporações transnacionais, oriundas em grande parte dos países centrais.

O sistema capitalista em momento remoto, recente ou presente, não muda seu escopo central, o de reprodução ampliada do capital para a acumulação, visto que, esta é sua meta central, atualmente, pautado no convencimento do consumo de várias naturezas e intensidades, viabilizado pelas técnicas de comunicação e disseminação de empresas e seus produtos adicionados de fetiches e tendências espaciais standardizadas.

O capitalismo como modo de produção expansivo internacionalmente, ao abarcar gradualmente os espaços terrestres mais longínquos engendra ambivalências espaciais que se renovam de acordo com o momento geopolítico entre as áreas terrestres, a saber: centrais / periféricas, hegemônicas / hegemônicas, modernas / arcaicas aglomeração / desaglomeração, produtoras / consumidoras, urbano-industriais/ rural-agrícolas, dispersão / concentração, pobres / ricos, entre outras dicotomias teórico-ideológicas materializadas no espaço e justificadas tacitamente pela manutenção capitalista.

Atualmente, o capitalismo apregoa a liberdade do homem e do livre comércio, tendo a democracia como pano de fundo para que ele possa se realizar, mas seu resultado não condiz literalmente com sua proposta, observado por Marx (*apud* HARVEY, 2006, p. 45) como um sistema de troca de mercadorias, com base na liberdade e igualdade pode dar origem a um resultado caracterizado pela desigualdade e falta de liberdade.

As trocas comerciais de produtos circundantes pelo espaço mundial são propiciadas pelas técnicas sofisticadas de transportes, tendo fortes rebatimentos na esfera econômica e, por conseguinte no plano social, na cultura e mesmo traçado urbano dos países subdesenvolvidos receptores de empresas e produtos exteriores.

O ESTADO, AS TRANSNACIONAIS E O URBANO

Nos países subdesenvolvidos com destaque ao Brasil, a prática estatal no que tange aos direcionamentos econômicos no seu território passa para a sociedade a seguinte ideia pontuada por Santos (2008, p. 76) [...] o seu papel mistificador, como propagador ou mesmo criador de uma ideologia de modernização, de paz social e de falsas esperanças que ele está bem longe de transferir para os fatos.

O Estado permeado por práticas neoliberais é um ente primordial para o sucesso das grandes empresas estrangeiras em seu espaço, com práticas condizentes ao grande capital, quando viabiliza no espaço urbano os rearranjos condicionados ao capital.

Existe desta forma, uma relação esposada entre o Estado e as corporações transnacionais, como na seguinte observação de Taylor (*apud* ARROYO, 2009, p.108) “Todos os Estados necessitam da acumulação do capital no seu território que lhes proporcione a base material do seu poder. Todas as empresas transnacionais necessitam das condições para a acumulação do capital que oferece o Estado”. Em face da globalização estabelece a

inexorável mútua cooperação entre Estado-nação e empresas transnacionais no tocante a gerar uma sensação de indissociabilidade entre si.

A imanência entre Estado, por conseguinte seu direcionamento econômico & Transnacionais é ilustrada por Massey (2008, p. 128) como a forma específica de globalização que estamos vivenciando no momento, sob a égide do capitalismo neoliberal, conduzida por transnacionais etc. É considerada uma e sua única forma [...] Objeções a essa globalização particular, encontram, frequentemente a irônica réplica, de que o mundo, inevitavelmente, irá se tornar mais interconectado.

A globalização privilegia essencialmente as cidades, estas, foram desde sua incipiência apenas a arena de trocas, com o decorrer do tempo foram ganhando outras funções como a de residência e outros serviços sofisticados, como a arquitetura inovadora, projetos urbanísticos etc.

Atualmente, as cidades abrigam grande parte da população mundial, e expressam a imaterialidade e materialidade da produção de ideias, a expressão das novas tecnologias em objetos técnicos e os fixos se tornando os “nós da economia”, para a fluidez dos fluxos do capital, apanágios inerentes às metrópoles e cidades médias.

A lógica atual do capitalismo global é de homogeneização/conformação dos espaços assim, as cidades no intento de se tornarem “modernas” devem se inserir na lógica da sociedade global, com os seus diversos imperativos e desdobramentos de rearranjos espaciais de modo induzido e/ou compulsório.

A cidade como fração de um território nacional, logo, tem sua autonomia relativa face aos imperativos da globalização, sendo premida a conceder grande parte de sua vida econômica a ordens distante, pois, cede um grande “poder” para as corporações transnacionais que transpõem a esfera econômica, interferindo também no plano social, político, cultural e até nos projetos urbanísticos da cidade.

Percebe-se, que a cidade capitalista hodierna especialmente, as metrópoles como Belém, são compelidas a abrigar às empresas estrangeiras para se inserir na lógica do mercado mundial e conquistar tal título urbano, pairando uma situação de coação institucional em que o Estado e consequentemente o município é submetido pelo capital por condicionantes de trocas.

A cidade de Belém enquanto metrópole sendo produto e condição para o aprofundamento da globalização vem tomando forma de cidade cosmopolita pontualmente em

seu tecido urbano, ao sediar empresas de *fast food*, tanto nacionais quanto estrangeiras que foram paulatinamente se adensando em bairros centrais, nos *shoppings centers*, supermercados e em outros espaços da cidade e região metropolitana.

As empresas de *fast food* ao se instalarem numa propriedade fundiária, imediatamente lhe padronizam aos seus moldes arquitetônicos, sendo a arquitetura arrojada com suas peculiaridades de letras e cores, ou seja, seus símbolos conhecidamente em outros países, com sua conotação de marcas/símbolos primazes sobre as locais, é o que garante sua reprodução pautado em seus valores/signos e os demais atrativos visuais criados no centro do capitalismo mundial e otimizadas pela “indústria do *marketing*”, não consoante com as paisagens históricas de forte cunho representativo espacial pretérito da cidade de Belém.

No traçado urbano os rearranjos espaciais, realizados por diretrizes governamentais, têm forte influência pela pura presença de empresas de grande monta, a melhor fluidez dos veículos e pessoas deve ser sistematizada para ir ao encontro dos interesses das empresas, incluindo a instalação de novos sinaleiros, retornos em vias públicas, mudanças de itinerários, deslocamento de atividades do circuito inferior que não transgrida os interesses das grandes corporações, assim os espaços são modelados por uma deliberação de princípios norteadores econômicos.

A tendência atual dos espaços metropolitanos, ou como denomina Ascher (2004, p. 76), “Metápolis” cidades nas quais devem se adaptar às necessidades de mercado, como o próprio autor diz; *o el urbanismo moderno daba preferênciã a lãs soluciones permanentes coletivas y homogêneas para responder a lãs necesidades y demandas de vivienda, urbanizacion, transporte, ocio y comercio.*

As novas próteses no espaço urbano de caráter cosmopolita satisfazem aos anseios do grande capital e de uma parte da população, mas, pode afetar outras atividades formais e informais, que não são privilegiadas, com as novas disposições de equipamentos e trajetos urbanos, repercutindo na situação socioeconômica e na mobilidade urbana da população.

No contexto hodierno, o interior das fronteiras dos países centrais é insuficiente para a manutenção de sua posição de potências capitalistas, sendo necessário e profícuo “invadir” novamente as fronteiras do lado “oposto” do sistema-mundo ou economia-mundo do capitalismo, ou seja, os países/áreas tradicionalmente periféricos para manutenção e recrudescimento de seus *status* de liderança no cenário econômico planetário.

A liderança de países ricos que tratamos é consentânea à atuação dos organismos econômicos mundiais, como expõe Ianni (2006, p. 145) as condições e as possibilidades de soberania, projeto nacional, emancipação nacional, reforma institucional, liberalização das políticas econômicas ou revolução social, entre outras mudanças mais ou menos substantivas em âmbito nacional, passam a estar determinadas por exigências de instituições multilaterais, transnacionais ou propriamente mundiais que pairam acima das nações.

O país periférico é profundamente pressionado por organizações econômicas externas, passando a exercer um papel fundamental no sucesso das empresas estrangeiras no seu território, sendo o responsável pela infraestrutura, concedendo empréstimos a juros baixos, participando da divisão desigual de riquezas ao atribuir benefícios maiores e riscos menores, para os empreendimentos externos, não dispensando o mesmo tratamento as empresas nacionais e locais. Com todas estas benevolências estatais, torna-se fácil compreender a substancial disseminação de empresas *fast food* na capital paraense.

A cidade enquanto base material e a globalização enquanto fluxo, esta, necessita dos objetos técnicos para sua apreensão na cidade, sua realização está organizada em paradigmas como as redes que, para Castells (1999, p. 98) nas novas condições históricas, a produtividade é gerada e a concorrência é feita em uma rede global de interação entre redes empresariais.

As redes conectam as empresas que ao se inserirem num determinado local, este, assimila as lógicas globais transformando-se em uma unidade global para servir de modelo para futuros novos investimentos em outros espaços. O local torna-se global para o capitalismo, entretanto, permanecendo como local para uma parte da população que ainda a percebe desta forma, apesar das forças invólucros exógenas.

A produção das redes com sua logística interna são indispensáveis para o alcance e realização da materialidade das empresas, para tal, necessita do espaço otimizado. Em todo país existem frações eleitas pelo capital em que a globalização via empresas densifica às técnicas, mormente nas metrópoles e mesmo nestas são feitos recortes espaciais.

Estes recortes são tributários de elementos materiais e imateriais de diversas ordens e natureza, para a reprodução ampliada do capital além do balizamento de “novas” relações sociais intencionais, a saber: da materialidade, um bairro central com infraestrutura e da imaterialidade, uma sociedade de consumo conduzida constantemente ao consumo pelo *status* que possui.

Nas últimas décadas vem ocorrendo um processo duplo e simultâneo na cidade de Belém, o primeiro é a metropolização e o segundo é a intensa inserção na globalização, o binômio metropolização & globalização se manifestam no espaço com dualismo, isto é, com representações genéricas com ou sem embate com as especificidades.

Tanto a metropolização quanto a globalização são produto do capitalismo tendo uma força imensurável de conformação do espaço e da organização da sociedade, a tal ponto que a ubiquidade espacial com suas representações paisagísticas globais, torna-se regra e o contrário a exceção. É como se a diversidade fosse anti-capitalista e a unidade pró-capitalista como observa Moreira (2004, p. 07), o padrão da cultura técnica não consagra e plenifica a diversidade das diferenças, mas é levado a agir no sentido de converter a diferença na unidade da função econômica e a desigualdade social a apresentar-se como forma natural da diferença. A relação geográfica entre o local cunhada pela metropolização no caso da cidade de Belém e o global representado pelas empresas transnacionais, nos remete à discussão do fenômeno da glocalização, teoria defendida antagonicamente por autores, como Harvey (1993) e Giddens (1991). A primeira perspectiva se reporta a uma “compressão tempo-espaço”, para se referir a um “encolhimento” do espaço pelo tempo, o global se “estreita” ou se “encolhe”, aproximando-se da escala local.

Enquanto a segunda perspectiva desdobra-se para um distanciamento ou “alongamento tempo-espaço”, o local se “desencaixa” em direção ao global. Ambas as teorizações, tanto a “compressão” de Harvey, quanto à do “alongamento” de Giddens, no que tange ao espaço-tempo, encerram um mesmo fenômeno, a glocalização demonstrando que as mudanças das categorias espaço e tempo, são fatores constituintes da pós-modernidade consubstancialmente.

É importante frisarmos que a pós-modernidade não está completamente nas ciências humanas, apesar de suas postulações virem há algumas décadas desenvolvendo alguns trabalhos nesta direção³

As duas postulações pós-modernas são permeadas implicitamente pela utilização dos objetos técnicos especialmente, os ligados aos transportes, telecomunicações e informática, para sua apreensão. Entretanto, a ideia de “alongamento” em que o local se direciona ao global é por nós refutável ao exprimir que o local tramado por seus sujeitos estaria em sua

³ Ver: Condição Pós-Moderna, 1993. Geografia e Modernidade, 2003. Geografias Pós-modernas, 1993.

totalidade e de modo ubíquo almejando o global, quando na realidade é a burguesia da sociedade e não ela como um todo que deseja, articula e espacializa localmente os objetos globais.

A margem de aceitabilidade da teoria de Giddens decorre do entendimento de que uma minoria da parcela da sociedade incluindo os tecnocratas e as elites econômicas dispõem de “poder” econômico e/ou político, para captar o global para o local visando seus interesses particulares. No entanto, tal tentativa depende do capital externo da decisão de se inserir ou não naquele espaço solicitado, assim, o local pode entrar na esteira da globalização, mas não impondo suas razões locais, já que estes obedecem a uma lógica global emanado pelos centros de poder econômico mundial, como analisa Santos (2008) nesta passagem;

Os objetos que constituem o espaço geográfico atual são intencionalmente concebidos para o exercício de certas finalidades, intencionalmente fabricados e intencionalmente localizados. A ordem espacial assim resultante é também intencional (SANTOS, 2008, p. 332).

No sistema capitalista as demandas externas solicitadas ou impostas são refletidas na sociedade pelas ações espacializadas como demonstra Harvey (1993, p. 107), talvez seja preciso admitir que os produtores do espaço sempre agiram segundo uma representação, ao passo que os “usadores” suportam o que lhes é imposto, mais ou menos inserindo ou justificando em seu espaço de representação.

Se as ações no espaço são deliberadas, a sociedade engendrada numa alienação como afirma Santos (1993, p. 60) o mercado é cego, para os fins intrínsecos das coisas. O espaço assim construído é igualmente um espaço cego para os fins intrínsecos dos homens.

A TERRITORIALIDADE DAS *FAST FOOD* NO ESPAÇO URBANO CENTRAL DE BELÉM-PA.

Os bairros de Nazaré e Umarizal vêm sendo desde 1997 espaços de atração, por parte das empresas transnacionais, sobretudo, aquelas ligadas ao ramo de alimentos do tipo *fast food*, a saber: Bob's (1997); McDonald's (1998); Habib's (1997); Pizza Hut (2003), China In Box (2000) e Subway (2005), entre outras.

Na tendência universalizante do capitalismo em tentar unificar mercados e espaços urbanos, observamos a seguinte ideia de Arantes (2009):

Frente a diagnóstico tão universal não fica difícil entender porque as propostas constantes de todos os planos estratégicos sejam quais forem as cidades pareçam-se tanto umas com outras; todos devem vender a mesma coisa aos mesmos compradores virtuais, que tem invariavelmente as mesmas necessidades (ARANTES, 2009, p. 79).

116

As referidas empresas transnacionais se inseriram recentemente na cidade de Belém, contudo, grande parte de suas lojas, concentram-se nos bairros centrais, pela inerente centralidade que estes particularmente delineiam potencializado pela infraestrutura mais preparada e por um mercado consumidor potencial residente nestes espaços, fatores que explicam o seu poder de atração. Fatores que contribuem para a conformação de uma cidade “universal” na Amazônia oriental.



Figura 1: A loja da McDonald's na Avenida Nazaré, bairro de Nazaré, em Belém-PA.
Fonte: Mauro Emilio, 2010.

A globalização, como um processo inexorável nas metrópoles, tanto de países ricos quanto de países pobres, trazendo significativas transformações sócio-espaciais é um dado importante, mas não o único para explicar todas as transformações, pois, o fenômeno da própria metropolização, também influenciado por matrizes exógenas, carrega consigo sua metamorfose socioespacial, como esclarece Trindade (2007, p. 37). A configuração da estrutura metropolitana em uma cidade amazônica como Belém, representa, não só a gradativa alteração de outra forma espacial urbana, como também significa a desestruturação de relações de modos de vida, hábitos e de valores, enfim de conteúdos sociais marcados por especificidades.

Antes de nos atermos as diversas formas de apropriação do espaço, para o usufruto de seus recursos⁴, inexoravelmente, promove intencionalmente limites reais e imaginários, naquilo que geograficamente se categorizou de territorialidade. É prudente subtrairmos a derivação territorialidade, para a categoria que lhe consubstanciou e deu validade, o território, em seu sentido mais econômico, linhagem defendida por Santos (*apud* HAESBAERT, 2007, p. 279) o “uso” econômico é definidor por excelência do território.

Para Raffestin (1993, p.152), “falar de território é fazer uma referência implícita a noção de limites”. As empresas *fast foods* atuam numa lógica da concorrência oligopolística, possuem limites localizados em redes e constantemente em movimento, não menos imersas como nós de circulação em redes concretas e em imprevisíveis virtualidades, transescalarmente relacionadas, não definindo os mesmos níveis de relações escalares hierárquicos entre si, pois, as redes são movimentos que transitam entre as escalas globais, nacionais, regionais e locais.

O território é uma categoria amplamente discutida na Geografia por suas derivações que abarcam as dimensões econômicas, políticas-jurídicas, naturais e culturais, não se esgotando em termos conceituais no interior destas próprias dimensões, esforços estes tecidos por geógrafos como Rocha (2005):

Território e natureza: a concepção materialista, território fundado nas relações de dependência direta entre sociedades e suas bases materiais e geográficas em termos de reprodução econômica e social. Território e economia: a concepção econômica, território como expressão do poder de controle das empresas ou corporações econômicas como as multinacionais, e outras que atuam em diversas escalas geográficas. Território e Estado: a concepção jurídico-política, concepção difundida no âmbito da sociedade moderna. O território seria definido pelo espaço apropriado pelo Estado em seus diversos níveis de governo, União, Estados e Municípios. Território identidade e cultura: concepção que valoriza outros aspectos da existência humana como a cultura, os símbolos e as diversas formas de relacionamento e afetividade que os grupos sociais mantêm com o seu território (ROCHA, 2005).

Na análise em tela, a dimensão de território que melhor nos convém é a sua transmutação em territorialidade com sua força motriz propulsora, a econômica, travestida no movimento uníssono das *fast food*, McDonald's, Bob's, Habib's, Pizza Hut, China In Box e Subway.

⁴ O recurso se refere a uma função, e não a uma coisa ou substância, é o meio para se atingir um fim, e a medida que este fim, ou objetivo muda, os recursos podem mudar também (BECHT, BELZUNG, RAFFESTIN, 1993, p. 225).

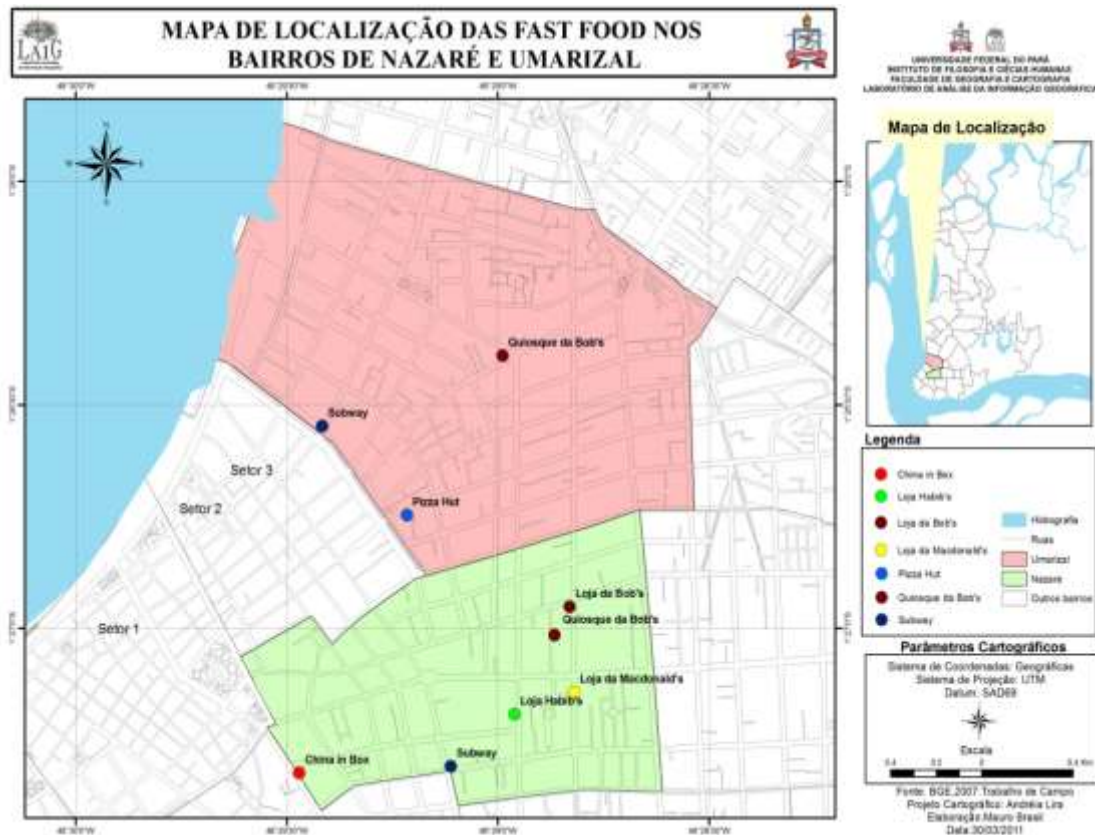
Para Haesbaert (2007, p. 280) territorializar-se significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento no e pelo movimento.

Com base na trilogia fluxo, rede e controle podemos deduzir que as *fast foods* as utilizam de modo a criar movimentos, as manifestações no espaço ocorrem sob a égide do capitalismo que vem se fortalecendo por vários vetores, entre eles o consumo de várias ordens. Como modelo de viver em cidades, em que a natureza não pode mais mediar a relação homem-meio, para promover certo gênero de vida⁵, pois, a urbanização artificializou o espaço, logo, o homem perde força no lidar com o espaço ampliando a relação homem-homem mediado pelo capital.

Desta forma, os três vetores, fluxo, rede e controle credenciam as *fast food* para operacionalizar e otimizar seus interesses no espaço, o fluxo é a distribuição, a rede é a conexão e o controle é o domínio com a manutenção de regras pré-estabelecidas. Sendo assim, o virtual se torna real para receber novas virtualidades que se materializam novamente, tornando um círculo espiral de difícil previsão, e que a acepção mais geográfica que podemos atribuir a este movimento é o da territorialidade.

As firmas supracitadas anteriormente em termos gerais e sutilmente estão conquistando uma considerável “fatia” do mercado belenense, estão distribuídas na cidade e região metropolitana, com predomínio concêntrico, ao ter suas grandes lojas instaladas nos centrais com destaque aos de Nazaré e Umarizal, cujo domínio está assim descrito no mapa 1.

⁵ O gênero de vida segundo Vidal de La Blache, seria a relação direta entre o homem e o meio de uma forma particular, que caracteriza um determinado povo.

MAPA 1: Localização das *fast food* elencadas nos bairros de Nazaré e Umarizal

Fonte: IBGE (2007)-ADAPTADO/LAIG/UFPA- Laboratório de Informações Geográficas, elaborado por Andréia Lira (2010).

A expansão de lojas e quiosques da McDonald's, Bob's, Habib's, Pizza Hut, China In Box e Subway, na área central de Belém e nos demais espaços da cidade é juntamente com outros equipamentos urbanos é confirmação da metrópole paraense, gerado pela dinâmica frenética da cidade incorporada pelos cidadãos, representado pela alimentação rápida em decorrência do “tempo” metropolitano imperioso no suprimento das bases materiais para melhor fluidez do capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do trabalho, bem como as experiências teóricas acumuladas nos levou a crer que o capitalismo só se reproduz dicotomizando homens e espaços, de modo conveniente ao contexto histórico com suas regulamentações regidas deliberadamente no centro.

Podemos tecer alguns destes momentos, como a exploração direta das metrópoles europeias sobre as colônias americanas entre os séculos XVI a XIX. Atualmente, os países

desenvolvidos de modo geral exploram tacitamente os países subdesenvolvidos através do “uso” ainda de sua mão-de-obra, não mais escrava e sim mal paga para alta produção com baixo valor, simultaneamente, o condicionamento de seu mercado consumidor, visando o engrandecimento do poder econômico na fragilidade dos países pobres.

Não obstante, internamente, a formação socioeconômica do país também configurou desiguais regiões, engendrando centros e periferias, corolários foram às polarizações de várias dimensões, desde questões comerciais até culturais como no caso das *fast foods* analisadas quando nenhuma é paraense ou amazônica.

Quanto à tentativa de superpor culturalmente, ainda que entre regiões de um mesmo país, recai numa perda irreparável como bem analisa Morin (2007, p. 57) a desintegração de uma cultura sob o efeito destruidor da dominação técnico-civilizacional é uma perda para toda humanidade, cuja, diversidade cultural constitui um dos mais preciosos tesouros.

Torna-se necessário rever paradigmas entre espaço-homem-consumo na metrópole, desde o controle do uso do solo, passando por um arrefecimento da expansão das bandeiras como estandes globais. As propriedades fundiárias em que estão demasiadas situadas as *fast food* em Belém poderiam sofrer uma intervenção por parte do poder público, ao quantificar um limite de unidades de cada uma delas transformando os mesmos em espaços para fins sócio-culturais-esportivos, ou melhor, para a reprodução da vida e não apenas do capital.

Apesar de ser uma tendência de essas empresas se instalarem em grandes cidades do mundo, onde há algum tempo vem passando por um intenso processo de metropolização, como é o caso de Belém, é um fenômeno inexorável à presença das corporações nacionais e estrangeiras mesmo sabendo que provocam a transmutação das paisagens dos lugares e, por conseguinte, as relações interpessoais tendem a deserção destas cidades.

A cidade é por excelência o espaço em que o homem criou e recriou as maiores inovações que tanto se fixaram quanto se deslocaram para outra cidade ou para o campo, mesmo este último, sendo anterior a cidade e por muito tempo ter lhe subordinado, não conseguiu manter sua hegemonia sobre a cidade, pela projeção garantida pela materialidade inovadora na cidade instalada, sem deixar de considerar uma condição primaz para tal realização, o movimento campo-cidade, a aglomeração e o consumo material exatamente de tais invenções materiais e as imaterialidades que a cidade porta para a realização dos anseios humanos.

Contribuindo para edificar uma esfera urbana que contagiou o mundo, considerando a urbanização como inevitabilidade dos países capitalistas. A rede produzida por vários vetores também via empresa *fast food*, que do ponto de vista da Geografia as empresas são entes jurídicos geridos por entes físicos, este, considerado produtor do espaço geográfico se utilizando da rede que melhor encontra sua base de sustentação na cidade, tornada movimento e ampliada pelo capitalismo contemporâneo representado pela globalização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASCHER, F. *Los nuevos principios del urbanismo*. Madri: Alianza Editorial, 2004. (traducción de Maria Hernández Díaz)
- ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ARROYO, M. *A globalização pensada a partir do espaço geográfico*. Curitiba: Anais ANPEGE (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia), 2009.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991. (Tradução de Raul Fiker).
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- HARVEY, D. *A produção capitalista do espaço*. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- _____. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993. (Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves).
- IANNI, O. *Teorias da globalização*. 13 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 228 p.
- LA BLACHE, V. de. *Princípios da geografia humana*. 2 ed. v. 1. Edições Cosmos, Lisboa: Coleção A marcha da humanidade. 1946. (Tradução de Fernandes Martins).
- MASSEY, D. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. (Tradução de Rogério Haesbaert da Costa).
- MOREIRA, R. *Da região à rede e ao lugar*. Niterói: Edições AGB (ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS), 2004.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva & Jeane Sawaya).
- RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993. 269 p. (Tradução de Maria Cecília França).
- ROCHA, G. de M. *O território e suas múltiplas abordagens na geografia*. Mesa Redonda, Semana de Geografia, UFPA, Belém, Março de 2009.
- SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. 6 ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. *O espaço do cidadão*. 2 ed. São Paulo: Nobel, 1993.
- TRINDADE JR, S. C. da.; TAVARES, M. G. da C. *Cidades Ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências*. Belém: Edufpa, 2007.

Artigo Recebido em: 12 de outubro de 2013.

Artigo Aprovado em: 14 de dezembro de 2013.